



**INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, PRODUÇÃO DE MAPAS E
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
CONHECENDO OS SUJEITOS E O CONTEXTO SOCIAL DA ESCOLA
MUNICIPAL MAURO SÉRGIO – ANGRA DOS REIS/ RJ**

Carolina Franco Paixão¹

carolinafp@id.uff.br

Mara Edilara Batista de Oliveira

edilaramara@gmail.com

Resumo

A Escola Municipal Mauro Sérgio, localizada em um bairro periférico de Angra dos Reis, possui diversas características a serem estudadas relacionadas a sua territorialidade e a questões sócio-espaciais que a envolvem. Por meio da participação no Programa de Iniciação à Docência – PIBID, temos a oportunidade de conhecer e vivenciar o cotidiano da Escola Mauro Sérgio e a sua relação com o contexto social no qual está inserida. Essa experiência tem nos proporcionado vivenciar, junto com o professor supervisor, a prática da docência, na busca de compreender a realidade vivida pelo professor em sala de aula e sua relação com os alunos. Apesar de partir das atividades gerais do projeto do PIBID do Núcleo de Geografia de Angra dos Reis, o qual parte da produção, uso e interpretação de mapas, na construção coletiva e colaborativa de um Atlas Escolar Municipal de Angra dos Reis, que media a inserção dos alunos nas escolas, este artigo, especificamente, visa documentar aspectos que foram percebidos junto aos alunos da Escola Mauro Sérgio, referentes, principalmente, às dificuldades enfrentadas no ensino da geografia, relacionadas diretamente ao ambiente e à territorialidade que esses alunos ocupam.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem; Geografia; Mapeamentos.

Introdução

Por meio da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, e como parte do Projeto aprovado pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Núcleo de Geografia, do Instituto de Educação de Angra dos Reis - IEAR, nos foi possível entrar em contato com alunos da Escola Municipal Mauro Sérgio, localizada no bairro

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF) - Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR), produto de pesquisa do Programa de Iniciação à Docência (PIBID); Agradecimentos a Capes pelo financiamento do projeto.

Promorar/Campo Belo/Japuiba do município de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Esse grupo acompanhou mais precisamente as turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, por meio da disciplina de Geografia, e com apoio do professor supervisor na escola e nos planejamentos das atividades do projeto.

O Núcleo de Geografia da UFF de Angra dos Reis, construiu seus próprios objetivos quanto à forma de inserção dos bolsistas nas escolas criando um projeto pedagógico para isso, o qual tem como objetivo maior a produção de mapas que venham a conformar o Atlas Municipal de Angra dos Reis. Entretanto, foi consenso na equipe deste Núcleo que os mapas a serem construídos partiriam de uma metodologia participativa com as crianças e jovens das escolas, contextualizados na realidade vivida por elas, buscando uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982).

Iniciamos as atividades nas escolas em agosto de 2018, concomitantemente nos reunimos uma vez por semana coordenadores, professores supervisores e bolsistas/voluntários do PIBID para a formação continuada da equipe do Núcleo. Três grandes campos do conhecimento ou linhas de pesquisas, Cartografia Escolar; Cartografia Social; e Geotecnologias, também foram basilares e mediadores para a capacitação científica do grupo.

Partimos do pressuposto de que as técnicas e metodologias dessas grandes áreas do conhecimento da ciência geográfica podem contribuir para a democratização do acesso às ferramentas, equipamentos e informações de gestão territorial, que podem ser apropriadas a partir da escola e de forma colaborativa com o bairro, com a comunidade, ou seja, com a escala do território. Atuando, dessa forma, como um importante mecanismo de Justiça Cognitiva (CRUZ, 2014) da ciência geográfica com comunidades marginalizadas.

Para este grupo, partir dessas premissas na construção dos mapas e a sua inserção nas escolas tem sido fundamental mediante as características específicas da escola e dos alunos atendidos, o que tem nos ajudado a analisar a territorialidade e o contexto socioespacial em que essas crianças e jovens vivem no seu dia a dia. Neste artigo, a questão problema é pensar e analisar as especificidades dos alunos da Escola Municipal Mauro Sérgio e do contexto vivido por eles afim de entender as suas dificuldades de aprendizagem.



Essa escola está localizada em um bairro periférico, de onde provém a maioria dos seus alunos. O bairro Campo Belo, parte da grande Japuiba, sofre cotidianamente com disputas territoriais de diferentes facções criminosas, que disputam entre si o controle pelo tráfico de drogas da região. Vale ressaltar ainda as condições sociais a que estes alunos estão submetidos, onde enfrentam diariamente a falta de comida em casa, tendo apenas a merenda escolar como alimento diário.

Além disso é perceptível, ao acompanhar o cotidiano escolar dessas crianças, que o contexto social de violência em bairros dominados pelo tráfico de drogas influencia diretamente o modo como os alunos se comportam na escola assim como o seu rendimento escolar. Desta forma, o objetivo principal do Núcleo é destacar a necessidade de ser considerado o contexto socioespacial em que os atores estão inseridos, assim como suas territorialidades específicas, durante o planejamento das aulas e das atividades a serem construídas com as crianças, e em nosso caso mais precisamente na produção, uso e interpretação de mapas.

Preocupados com isso, os coordenadores, professores supervisores e bolsistas/voluntários que compõem o núcleo de Geografia de Angra dos Reis, elaboraram de forma coletiva e aplicaram um questionário aos alunos das escolas atendidas, o qual buscou traçar um perfil, conhecer e se aproximar do contexto dessas crianças. Nós utilizaremos, portanto, esses resultados nas análises realizadas neste artigo, cujo objetivo é salientar as dificuldades enfrentadas nesse processo educacional.

Outra atividade já desenvolvida por esse grupo nas escolas com alunos e professores, e que foi utilizada também na construção desse artigo, foi a atividade do mapa-escola, que partiu de metodologias do campo da cartografia social e da cartografia escolar. A exibição do vídeo “Correio”, da série “Cidade dos Homens”, foi a atividade de estímulo para a produção de mapas de maneira coletiva pelas crianças.

Dessa forma, iniciamos este artigo refletindo sobre o papel da escola, do professor e do ensino de Geografia na formação de sujeitos a partir de seu lugar no mundo; em um segundo momento analisamos o perfil dos alunos dessa escola o relacionando ao contexto e as dificuldades na busca de uma aprendizagem significativa ou contextualizada; por fim, concluímos as reflexões em torno da produção de mapas lançando mão de metodologias próprias da Cartografia escolar e da Cartografia social.

O papel da escola, do professor e do ensino de Geografia na formação de sujeitos

A Geografia como disciplina escolar auxilia os alunos no conhecimento do espaço que ocupam no mundo (MOREIRA, 2007) de seu território e dos conflitos que o permeiam e, logo, também contribui para o seu autoconhecimento, já que ela aborda o cotidiano e proporciona aos alunos uma visão crítica da realidade em que vivem. Alguns conceitos como território, região, lugar e paisagem a partir da história (tempo) e das noções geográficas (espaço), fazem parte do dia-a-dia e da experiência das pessoas (RITCHER, 2006).

Deve-se falar também da cartografia, importante meio de linguagem da geografia, que contribui para pensar estrategicamente o espaço geográfico. Através de noções e convenções cartográficas como escala, longitude, latitude, altitude é possível exercitar a capacidade cognitiva, principalmente referente ao espaço, de crianças e jovens em contexto escolar.

Aproximar o cotidiano dos alunos dos conceitos e conteúdos geográficos é um desafio enfrentado pelo professor de Geografia que busca uma aprendizagem significativa e contextualizada. Ao mesmo tempo essa aproximação auxilia a construção do conhecimento crítico ou científico, por meio do estudo do contexto sócio-espacial vivido por seus alunos. Segundo Moreira (2012), o qual recebe forte influência da obra de David Ausubel:

A aprendizagem significativa é aquela em que as ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não arbitrária com o que o aluno já sabe. Substantiva quer dizer não literal, ou seja, que não é ao pé da letra, e não arbitrária significa que a interação não se produz com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (MOREIRA, 2012, p. 30, tradução nossa).

Tudo isso requer um planejamento cuidadoso das aulas. Preocupados com essa questão estudamos, e utilizamos, durante os encontros de formação, a sequência didática como metodologia de planejamento nas escolas atendidas por esse Núcleo do PIBID. Segundo Zabala (1998) a sequência didática é o “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (ZABALA, 1998, p. 18).

Para Mantovani (2015) as sequências didáticas contribuem com a consolidação de conhecimentos que estão em fase de construção e permitem que progressivamente novas



aquisições sejam possíveis. Pois a organização dessas atividades prevê uma progressão modular, a partir do levantamento dos conhecimentos que os alunos já possuem sobre um determinado assunto (MANTOVANI, 2015) contribuindo, portanto, com o processo de aprendizagem significativa que temos como premissa.

Além disso é preciso considerar o papel da escola na formação desses sujeitos. A partir de leituras durante os encontros de formação do PIBID e de nossa experiência pedagógica com a inserção na Escola Mauro Sérgio, percebemos que para além do papel de formador de pessoas, nesses casos de atendimento a comunidades em situação de risco, nas suas mais variadas formas, social, físico, econômico, a escola acaba tendo a responsabilidade de dar assistência psicológica, sociológica, alimentícia, além de construir processos formativos que contribuam com a construção do conhecimento crítico frente ao mundo em que esses sujeitos vivem.

Desta forma, percebemos com a nossa vivência nesse espaço escolar que a responsabilidade da escola, em um ambiente carente, como o sub-bairro do Promorar/Campo Belo, é distinta de um ambiente de classe média, por exemplo, e gostaríamos de problematizar essas questões. Esse dualismo é explícito na realidade das escolas brasileiras. No caso das escolas públicas que atendem comunidades carentes “ocorre uma inversão das funções da escola: o direito ao conhecimento e à aprendizagem é substituído pelas aprendizagens *mínimas* para a sobrevivência” (LÍBANELO, 2012).

Essas reflexões partem de uma linha da Sociologia clássica a respeito dos determinantes contextuais da trajetória dos indivíduos na sociedade, sob o impulso das rápidas e intensas mudanças ocorridas nas grandes cidades, em especial as americanas, com a transformação socioeconômica impulsionada pela globalização e a reestruturação do capitalismo industrial.

As duas principais marcas de tais mudanças é a constituição de territórios com forte concentração de pobres em áreas estagnadas economicamente e apresentando evidentes sinais de desorganização social, isolamento do restante da sociedade, desertificação cívica, criminalidade violenta, diminuição da eficácia normativa nas interações sociais, com enormes impactos sobre as instituições sociais localizadas nestes territórios. Emerge uma corrente de pesquisa sobre o papel do contexto social do bairro na constituição de vários mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, nos quais ganhou grande relevância os relacionados ao funcionamento das escolas de ensino básico (RIBEIRO; KOSLINSKI, 2009, p. 359)

A situação social apresentada acima está muito próxima da escola Mauro Sérgio e dos seus sujeitos, dessa forma, analisaremos a seguir o nosso contexto a partir da história do bairro,

da escola e da situação socioeconômica das crianças e jovens atendidos por essa escola, afim de traçar um perfil a ser considerado no planejamento das aulas e das atividades do projeto na escola, a partir de um ensino de Geografia contextualizado.

Contextualizando o bairro e a escola a partir dos sujeitos: a Escola M Mauro Sérgio

Conhecer a história do bairro é também conhecer quem fez o bairro e quem vive nele atualmente, garantindo um relacionamento mais próximo à realidade do aluno, na sala de aula. Dessa forma, para a inserção desse grupo nas escolas e para a construção desse texto, foi feita uma pesquisa sobre o bairro que abriga a Escola M. Mauro Sergio da Cunha, que como já dissemos, está localizada no Bairro Campo Belo, mais ainda especificamente em sua subdivisão de bairro, no Promorar, na região da grande Japuíba, que comporta bairros com a maior taxa de crescimento populacional das últimas décadas no município de Angra dos Reis. Esse crescimento populacional se deu principalmente após a implantação da Rodovia Rio-Santos, que corta o bairro, e após à implantação de grandes empreendimentos industriais no município.

Originalmente esta era uma área caracterizada por florestas e manguezais, mas que foram rapidamente e quase totalmente degradados pelo uso e ocupação do solo de forma indevida, mediante esse crescimento populacional desordenado. O bairro da Japuíba, antes rural, começa a crescer e se urbanizar em meados do século XX, resultado da instalação de indústrias em Angra dos Reis, como o Estaleiro Verolme em 1950, e posteriormente a Usina Nuclear, o Terminal da Petróbras T-BIG, e por último a construção da Rodovia Rio-Santos (BR-101). Todos esses grandes empreendimentos resultaram no encarecimento das moradias no centro da cidade, expulsando assim a população mais carente para bairros periféricos como o da Japuíba.

A escola atende o público do 1º e 2º segmentos do ensino fundamental e conta, atualmente, com 629 alunos, sendo 234 do 2º segmento. O público atendido por esta escola é basicamente dos bairros da região da Japuíba, que como já dissemos é caracterizado por uma população vulnerável socioeconomicamente.

A estrutura dessa escola é relativamente grande, possui pátio, sala de vídeo, refeitório para a alimentação dos alunos, sala de informática, cantina, mesa de ping-pong, sala de

professores com micro-ondas, etc. Porém, segundo os alunos consultados durante a nossa pesquisa, por meio do questionário, em relação ao que falta na escola, apresenta-se elementos básicos para espaços de ensino-aprendizagem: falta o principal como professores de determinadas disciplinas, e falta o básico como ventilador, carteiras em situações adequadas para o uso, ar-condicionado na biblioteca, equipamentos para a prática esportiva, quadras de futebol e basquete, assim como reformas e melhores equipamentos para a sala de informática. Segundo os resultados obtidos no questionário, os lugares mais frequentados por eles, são, primeiramente o pátio e depois a sala de aula.



Figura 01: Pátio da Escola Municipal Mauro Sérgio

Nota-se também a ausência de profissionais na área de assistência social e psicológica, o que interfere muito no aprendizado desses alunos, devido aos decorrentes casos de traumas ocasionados por episódios de diversos tipos de violência no ambiente familiar, mediante o contexto de conflitos relacionados ao tráfico de drogas no bairro, como já mencionado anteriormente.

A ideia do projeto é que essas crianças construam de forma coletiva e colaborativa um Atlas Escolar de Angra dos Reis. Porém, é certo que tivemos muitas dificuldades para iniciar as atividades com esses estudantes, as quais estão diretamente atreladas ao contexto social da escola e dos seus sujeitos, mesmo que tenham sido sempre planejadas e experimentadas em oficinas semanais com os Coordenadores e outros colegas do PIBID.

Uma das principais dificuldades encontradas é realmente chamar a atenção desses alunos para as temáticas abordadas em sala de aula, o desinteresse por esse espaço e com os conteúdos é algo comum entre eles, hoje, nessa idade. Vínhamos falando anteriormente sobre os desafios do professor e do ambiente escolar redesenhados, mediante o contexto e a realidade vivida por esses alunos, pois ao nos depararmos com a sala de aula, muitas das atividades pensadas durante a formação didática ainda tinham que ser veiculadas por meio de um processo criativo.

Um dos exemplos nesse sentido foi o vídeo escolhido para estimular o início das atividades de mapeamentos com as crianças na escola. O grupo todo, incluindo os estudantes, escolheu o vídeo do “Capítulo Correio”, do seriado “Cidade dos Homens”, entretanto, nos questionamos na formação se esse era um vídeo adequado a idade e ao contexto das crianças, por aparecer cenas de violência em contexto de tráfico de drogas, em algumas das escolas os grupos decidiram fazer cortes no vídeo. Entretanto, no nosso caso, foi unânime que o vídeo poderia ser exibido na íntegra para os alunos do segundo segmento, e foi um momento onde as crianças realmente se envolveram e se encontraram como sujeitos que podiam mapear seu bairro e suas histórias.

Inclusive para se pensar essas atividades do PIBID, um dos desafios encontrados e que foi levantado com os questionários, foi a idade dessas crianças, pois convivem juntos alunos de 11 a 17 anos nas turmas do 6º e 7º ano nessa Escola, resultante da repetência e evasão escolar, realidade comum nessa escola. Segundo o professor de Geografia, para a realidade do bairro da Japuiba, aquele que chega ao 9º ano é um vitorioso. Na tabela abaixo é possível analisar essa disparidade entre a idade dos alunos das turmas que o PIBID atende na escola.

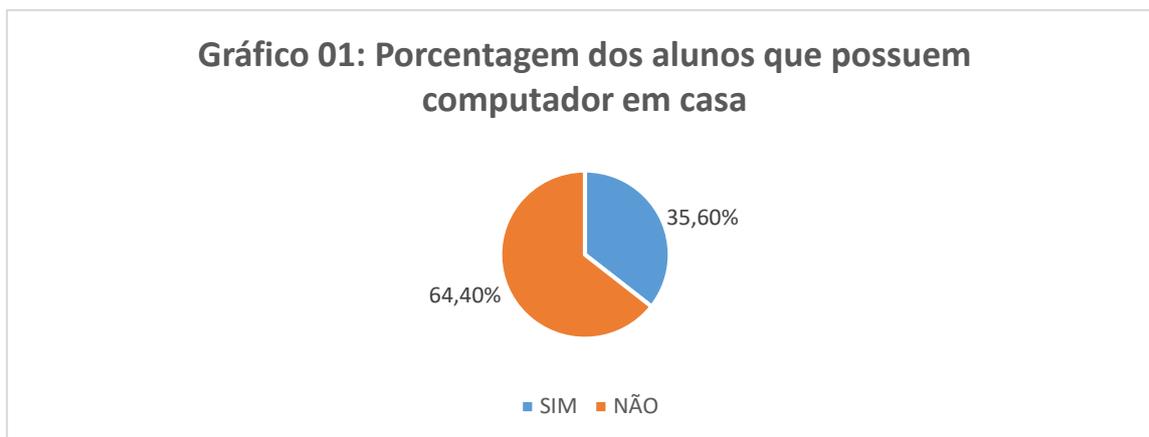
Tabela 01: Idade dos alunos por turma atendida pelo PIBID na E. M. Mauro Sérgio

Turma/Idade	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	TOTAL
6º A e B	7 alunos	12 alunos	11 alunos	4 alunos	3 alunos	1 aluno	1 aluno	39
7º A	-	3 alunos	8 alunos	3 alunos	4 alunos	1 aluno	-	19

Fonte: Questionários aplicados durante as atividades do Núcleo de Geografia do PIBID da UFF, 2018.

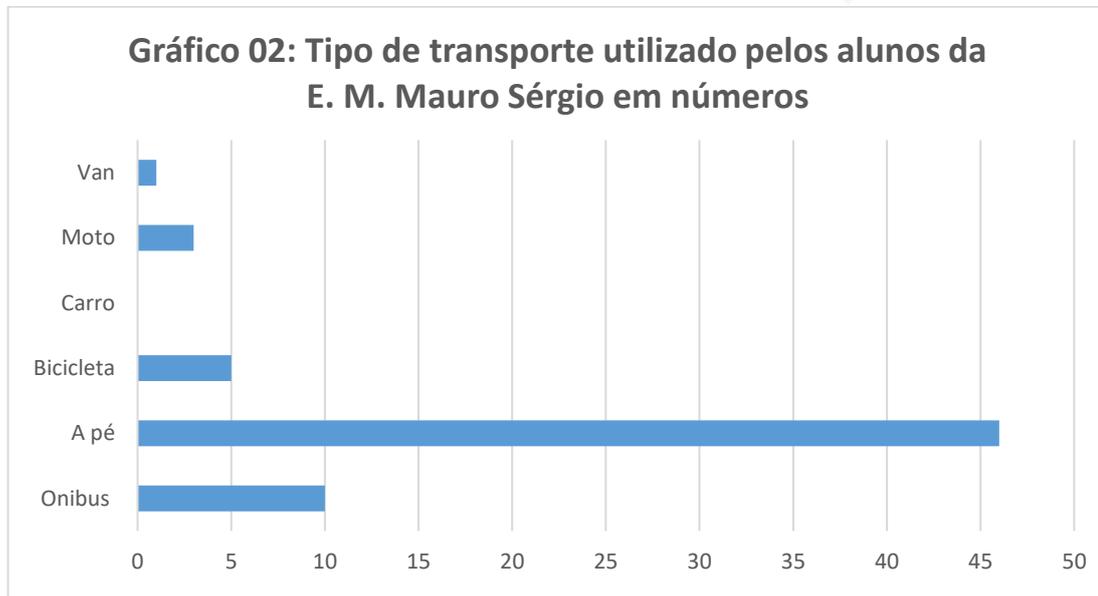
Esse fator dificulta todo o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que estamos lidando com sujeitos de diferentes idades e com diversa experiência de mundo. Por exemplo, percebemos durante o nosso acompanhamento das aulas que os alunos que participam são justamente aqueles que estão na série equivalente à sua idade, entre 11 e 13 anos. Outro aspecto observado ainda é que os alunos de mais idade tendem a ficar no fundo da sala, desmotivados ou desatentos, riem dos professores e dos colegas mais novos, e se perdem em conversas paralelas à aula, e, muitas vezes, respondem de forma indevida e ofensiva as perguntas feitas pelo professor.

Outro desafio encontrado no planejamento e execução das atividades do PIBID na escola são os materiais que estão disponíveis, tanto na escola como pelos alunos. Abaixo, observa-se que menos da metade (35,60%) dos alunos possuem computador em casa, dados que nos ajudam a entender e a refletir não só em relação aos problemas na execução das atividades do projeto, mas também quanto ao acesso ao conhecimento de forma geral.



Fonte: Questionários aplicados durante as atividades do Núcleo de Geografia do PIBID da UFF, 2018.

Outro aspecto interessante observado nessa escola é o fato de quase todos os alunos (78%) do 6º e 7º ano da Escola Municipal Mauro Sérgio irem para a escola a pé. Poucos são os que pegam algum tipo de transporte para chegar às aulas: 10 alunos de 59 vão de ônibus, 5 de bicicleta, 3 de moto e 1 de van, os demais todos acessam a escola caminhando.



Fonte: Questionários aplicados durante as atividades do Núcleo de Geografia do PIBID da UFF, 2018.

Esse perfil do aluno da Escola M Mauro Sérgio, levantado a partir do questionário tem sido essencial no planejamento das aulas junto com os professores, durante a formação, assim como na execução das atividades, processos os quais são pensados de forma conjunta e contextualizada.

Aprendizagem significativa e a produção de mapas

Após a aplicação dos questionários e de conhecer a realidade das três turmas do 6º e 7º anos da Escola M Mauro Sérgio, pudemos dar início a atividades para produção de mapas. Iniciamos esse processo com produção do mapa-escola, com o objetivo de ampliar progressivamente a escala dos mapas a serem produzidos, passando pelo bairro (trajeto da casa até a escola), até chegar na escala municipal de Angra dos Reis.

Entretanto, é bom lembrar, o conjunto de metodologias que estamos tomando como base nesse processo de mapeamento, as quais permeiam, como já foi dito, a Cartografia Escolar, a Cartografia Social e as Geotecnologias. No caso do mapa-escola acessamos metodologias mais precisamente das duas primeiras, por meio de desenhos das crianças e jovens da escola,



buscou-se expressar os sentimentos, a situação, os conflitos e as territorialidades da escola, a partir do olhar dos seus próprios sujeitos.

Para começar, perguntamos aos alunos quais eram os lugares da escola que eles conheciam e o que cada lugar significava para eles. Por exemplo, o banheiro foi representado com o ato de chorar, já que muitas crianças acabam indo para lá quando estão tristes. Elencamos no quadro todos os significados que eles queriam dar aos lugares vividos por essas crianças na escola. Em seguida, sem que tivessem alguma vez visto a planta oficial da escola, pedimos que desenhassem a planta da escola em uma cartolina. A ideia é ter um diagnóstico inicial das noções espaciais prévias desses sujeitos para darmos prosseguimento à produção de mapas de forma mais aproximada a sua realidade.

Para isso, separamos as turmas em três grandes grupos (na verdade, já estavam separados por eles mesmos por afinidade). O grupo que possuía mais habilidade com a arte de desenhar acabou ficando responsável por essa parte dos desenhos e dos seus significados, outro grupo ficou de construir a planta do primeiro pavimento da escola e o terceiro grupo desenharia a planta do segundo andar.

Analisando esses mapas, ficou evidente que eles misturaram os planos ou visões espaciais, ou seja, fizeram desenhos ou representações que mesclam a visão frontal com a visão de topo. Porém, a planta da escola ficou bem aproximada da realidade, mesmo com alguns erros de proporção e tamanho dos cômodos.

Considerações finais

Com essas experiências vivenciadas no âmbito do PIBID, reforçamos a necessidade e a importância de considerar não só contexto sócio-espacial em que os atores estão inseridos, assim como suas territorialidades específicas, durante o planejamento das aulas e das atividades a serem construídas com as crianças, e em nosso caso, mais precisamente, na produção, uso e interpretação de mapas.

Apesar de ter um aumento da escolaridade no Brasil, nesses últimos anos, se agravaram as desigualdades sociais de acesso ao saber, pois à escola pública é atribuída a função de inclusão social daquelas populações excluídas ou marginalizadas pela lógica neoliberal, sem que os governos lhe disponibilizem investimentos suficientes para pagar os professores, funcionários e para as inovações pedagógicas, o que prejudica diretamente todo o processo de

ensino-aprendizagem, fazendo com a que a escola pública não consiga cumprir a sua atividade fim. Outra consequência desse processo na escola está diretamente relacionada ao trabalho dos professores e diretores nas escolas públicas, que acaba se tornando exaustivo, por terem que fazer o papel de muitos agentes (assistência social, psicológica, alimentícia, além do objetivo final de ensinar).

A Geografia nunca deve sair do quadro de ensino pois é uma disciplina fundamental para a construção de sujeitos, uma vez que lida com questões de espaço e interação social. Torna-se ainda mais essencial para a conscientização política destes que são marginalizados pela sociedade, uma vez que a Geografia permite entender os problemas vivenciados por eles cotidianamente.

Precisamos começar a analisar as implicações dos vários episódios, de diferentes tipos de violências, dentro ou fora de casa em contextos sociais de marginalização social, e como estes podem ocasionar um mal rendimento escolar desses sujeitos. Deve-se, cada vez mais, conhecer onde e quem estamos querendo ensinar para que o processo educacional gere um efetivo aprendizado para estes sujeitos, principalmente quando falamos do ensino de Geografia nas escolas.

De uma forma geral o papel da escola municipal pública situada em território marginalizado ultrapassa o trabalho do ensino de disciplinas escolares. O ideal seria um conjunto de políticas públicas que reunisse nessas escolas, equipes multidisciplinares de profissionais preparados para atenderem as demandas e carências sociais e psicológicas dos estudantes, para o seu melhor aproveitamento do processo educacional. Entretanto, o que se vê é a criminalização dos profissionais da educação e o descrédito do sistema educacional público e presencial, caminhando-se para um projeto neoliberal de privatização do ensino com o privilégio de cursos a distância. Se essa política triunfar, qual será o destino dessas crianças que estudam na Escola Municipal Mauro Sérgio?

Referências Bibliográficas

AUSUBEL, David P. **A aprendizagem significativa**. São Paulo: Moraes, 1982.



BRAGA, Jorge Luis. **O processo de ocupação do bairro de Japuíba, Angra dos Reis – RJ.**

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CRUZ, V. C. Movimentos sociais, identidades coletivas e lutas pelo direito ao território na Amazônia. In: Onildo Araújo da Silva; Edinuzia Moreia Carneiro Santos; Agripino Souza Coelho Neto. (Org.). **Identidade, Território e Resistência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, v. 1, p. 37-72.

LIBÁNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MANTOVANI, Sérgio Roberto. **Sequência didática como instrumento para a aprendizagem significativa do efeito fotoelétrico**. 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2015.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, M.A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Ed. UnB, 1999.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; KOSLINSKI, Mariane Campelo. A cidade contra a escola? O caso do município do Rio de Janeiro. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 4, n. 8, p. 351-378, ago./dez. 2009a.

RITCHER, Dennis. O ensino da Geografia e suas possibilidades de leitura de mundo. **Revista Formação**, nº13, p. 405 – 408, Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP, 2006.

SILVA, Luiz Etevaldo. Paulo Freire e Milton Santos - Um encontro em favor da cidadania e solidariedade. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 3, n. 2, junho de 2008.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.